

## PATATIVA DO ASSARÉ: POESIA, PROFECIA E PERFORMANCE

**A**ntônio Gonçalves da Silva, nascido dia 5 de março de 1909, na serra de Santana, distante 18 quilômetros de Assaré, teria a mesma sina de tantos outros que trabalharam a terra, casaram, tiveram filhos e deixaram poucas marcas, não fosse a excelência de uma produção poética que surpreende pela possibilidade de novas descobertas e angulações. É isso que faz de Patativa do Assaré, um autor, lúcido e, cada vez mais afiado na crítica social, e, numa compreensão generosa do mundo, uma referência da poesia cearense de todos os tempos.

A partir de sua aldeia, ele elevou sua voz, que se fez universal, na invenção de uma poesia que, a partir de uma inserção no presente, donde a consciência de cidadania que ele tem, se volta para o passado (a tradição) e se projeta para o futuro, assumindo a dimensão de profecia.

### EM BUSCA DA INFÂNCIA

O menino teve um diferencial que ajuda a compreender sua altivez, sua dignidade e sua inserção social: Antonio era filho de pequenos proprietários da terra. Seus pais, na serra de

GILMAR DE CARVALHO\*

#### RESUMO

O texto tenta dar conta das relações entre vida e obra a partir da poética de Antonio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré.

As preocupações são no sentido de verificar em que medida o cotidiano pode servir de matéria poética e qual a medida em que as tradições se atualizam e permanecem, reescritas e apropriadas pela figura de um autor.

Também fazem parte das discussões a gênese do processo criativo, em que fazer poesia está sincronizado com o trabalho na agricultura, as questões relativas à memória, como forma de apreensão e de sedimentação do poema e o processo singular de Patativa de acumulação de versos que se petrificam no conjunto final.

O artigo reflete sobre as relações do poeta com a mídia, das tensões de sua apropriação pela Indústria Cultural e pela política partidária e de sua consciência crítica que levariam à formulação de uma "poesia cidadã", que não abre mão de sua contundência e de sua inserção no contexto social, sem recorrer a clichês nem se transformar em um manifesto.

Uma poesia que tem suas raízes na oralidade e se perfaz na performance, baseando-se no passado, enunciando o presente e apontando para o futuro, poesia e profecia, como diria Paul Zumthor, porte - voz dos excluídos, intérprete de uma dicção popular que tem raízes eruditas e que se amplifica no contexto das culturas de massas.

\* Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo e Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia da UFC. Coordena Grupo de Estudos sobre Comunicação e Culturas Populares.

Santana, não estavam submetidos a regimes feudais, tipo meia ou quarta, onde o dono da terra fica com a parte do leão. Essa terra, dividida entre seus irmãos, após a morte prematura do pai, quando o futuro poeta tinha apenas oito anos, dá a exata dimensão de um compromisso com o trabalho do campo, que o futuro Patativa praticaria até os setenta anos e que vai ser fundamental na compreensão do homem e do poeta.

Aos quatro anos de idade, o primeiro drama, com a perda de um olho. Na autobiografia, ele fala em dor d'olhos, em outros momentos se fala em sarampo. Quando perguntei a ele de que tinha sido mesmo, a resposta, resignada, me deixou meio sem graça: "Que diferença faz? O importante é que eu perdi um olho".

Na busca de um nexos, que pode até ser forçada, esse fato poderia ser

a antecipação de um destino, como se ao pequeno Antonio coubesse manter a tradição de um Homero sertanejo, ser uma projeção de Camões ou ter a grandeza do violeiro Aderaldo, na antecipação de uma cegueira definitiva que viria muitos anos depois.

O mundo, para o menino, se resumia à serra, que ele hoje relembra como densa de verde, encorpada, aos poucos devastada para a

agricultura e para a construção das casas, quando a família cresceu e fez do distrito de Assaré um marco afetivo e poético.

O tempo de escola foi escasso. O professor era muito fraco, segundo as lembranças atuais de Patativa, mas a gratidão é forte. Os livros eram o de leitura de Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho, editados, a partir de 1892 (até 1959), pela Livraria Francisco Alves e que disseminaram as letras pelo interior do Brasil: “foi os livros de valô/ mais maió que vi no mundo”.

O lazer era de contemplação, das brincadeiras de outrora e ficaram retidas as leituras coletivas de folhetos de cordel e o ponteio das violas que se perfilavam para a peleja verbal. O menino Antonio, deslumbrado com a possibilidade da inventiva, que se lhe abria, tomava consciência de que também seria capaz de improvisar uns versos ou extrair das cordas, a musicalidade e a agilidade que engendram as modalidades do repente. Nascia a vocação poética, amadurecida ao longo de uma vida inteira.

A serra era e ainda hoje é seu ideal de paraíso, o lugar onde ele é feliz e para onde foge, quando se cansa de Assaré, das intermináveis visitas e quando busca o cheiro do mato, o cantar de alguma perdida patativa ou os longos torneios poéticos que ele desenvolve com seus parceiros (ou rivais).

A serra guarda, como uma relíquia, a maior parte da casa onde ele nasceu, parede de taipa, ocre, se projetando contra o céu azul e se expandindo em direção ao chão, também do mesmo barro de que ele e todos somos feitos.

A casa velha, onde hoje mora o irmão mais novo, Pedro, também mantém os silos de metal que armazenavam a colheita, o fogão de lenha e muitas saudades que ele partilha com o irmão, que foi o único a ousar algum vôo poético, sem atingir a dimensão de Patativa.

O pai morreu quando ele tinha oito anos e ele descobriu, depois, uma dedicatória em um livro que denunciava o poeta, que ele poderia ter sido, e relembra umas quadras humorísticas, feitas para insultar um parente sovina, que aproveitava pregos enferrujados e “vendia cachaça como se fosse vinho do Porto”.

Da mãe, as lembranças são maiores e incluem uma voz nostálgica que entoava uma canção da tradição popular, uma versão de Asa Branca, que, algum tempo depois, retrabalhada por Humberto Teixeira e interpretada por Luís Gonzaga se transformaria em um manifesto social e estético de nossa região.

Que segredos teria aquele menino que observava tudo, se ligava à terra, ao imaginário de sua gente e esboçava as primeiras tentativas de criação, nas noites sertanejas?

## RETRATO DO JOVEM POETA

A morte do pai significou a divisão, não das terras, mas das tarefas e o menino Antonio se ligou cada vez mais à sua serra, lugar idílico para ele, uma espécie de sertão elevado, com muitas pedras e sem as nascentes, que o senso comum atribui a esse tipo de acidente geográfico.

A serra de Santana é muito mais um espaço afetivo, do domínio da memória. Ela cristaliza, não apenas o paraíso, mas uma concepção de terra partilhada, um ideal solidário, de uma comunidade cristã, que se alia a um socialismo utópico, na explicação do mundo.

Aos dezesseis anos, o garoto convenceu a mãe a vender uma ovelha para comprar a primeira viola. É outro momento inaugural de sua trajetória. De viola em punho, Antonio buscava os parceiros para suas apresentações. Fazia pequenos jogos, quadrinhas, para distrair os matutos, como ele avalia hoje.

Começaram os pedidos para apresentações nos sítios das redondezas, nas festas de casamentos e aniversários, nas reuniões à noite, não em volta das fogueiras, como nas vigílias medievais, mas nos alpendres das casas, nos terreiros nas noites de luar. O aprendiz de repentista dava sinais de que usaria a viola não apenas como um passatempo.

Foi quando chegou à serra, para uma visita à família, José Montoril, o Cazuzinha, que morava no Pará. O visitante se encantou pelo improvisado do jovem Antonio e quis levá-lo para uma temporada na Amazônia.

Difícil foi convencer a mãe renitente. “Naquele tempo, filho vivia na barra da saia”, relembra, hoje, Patativa, e com ele não foi diferente. A viagem aconteceu porque Cazuzinha era parente próximo e se comprometeu a mandar Antonio de volta.

No mais, é imaginar as dificuldades de chegar a Fortaleza, depois de pegar o trem no Crato e embarcar num velho Ita, como na canção popular. E o impacto da água para quem saía de uma terra castigada pelas secas.

Antonio chegou a Belém fazendo versos bem humorados: “Quando eu entrei no Pará/ achei a terra maió/ vivo debaixo de chuva/ mas pingando de suó!”. A partir daí, foi visitar Macapá, e cumpriu o roteiro das “colônias” de nordestinos, que se estabeleciam às margens da ferrovia, hoje desativada, que, partindo da capital, chegava a Bragança. Lá, ele cantou com muitos, nordestinos como ele, que, fugindo das secas, tentavam uma vida melhor.

Quem morava em Belém, nesse período, era o jornalista cratense José Carvalho de Brito, que, ao ouvir o canto mavioso de Antonio, resolveu “crismá-lo” como Patativa. Brito registra esse acontecimento no livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, lançado em 1930 e reeditado pela UFC, em 1973.

Na volta, uma carta de apresentação para a Dra. Henriqueta Galeno e a possibilidade de conhecer o velho Juvenal, “de barbas brancas, vestindo uma camisola branca, em uma rede branca, parecendo uma visão”.

Era o encontro de duas atitudes diante de uma poesia de dicção popular: o velho Juvenal, que se baseara nos cantos de vaqueiros e jangadeiros, por sugestão de Gonçalves Dias, a quem conhecera quando da expedição científica de 1859, e o jovem Patativa que consubstanciava o popular e não utilizava essa linguagem como uma opção estética, mas como fruto de uma vivência.

Finda a viagem, Patativa volta à serra, ao trabalho no campo e às apresentações. Até incorporar a seu nome sua procedência geográfica, dada a profusão de patativas, que chegava a incluir um Presidente da República, o paraibano Epitácio Pessoa, conhecido como Patativa do

Norte. A partir de então, Antonio Gonçalves da Silva, passaria a ser Patativa do Assaré.

## O HOMEM MADURO

Plácido Cidade Nuvens, estudioso da vida e da obra do poeta chama a atenção para o fato de Patativa ter-se refugiado na serra, entre 1930 e 1955, e composto a maior parte de sua obra, sem holofotes, sem reconhecimento e sem aplausos, a não ser o dos conterrâneos, embevecidos por seu canto.

Aliás, ainda de acordo com o poeta, a patativa seria um pássaro pequeno, de coloração acinzentada, cuja principal característica seria a de se esconder dentro da mata e imitar o canto de muitos pássaros. Essa metáfora, camaleônica, seria uma explicação para os múltiplos cantares de Patativa do Assaré, da dicção nos moldes da norma culta à poesia matuta, do telúrico ao social, do gracejo à sua desconhecida produção erótica.

Em 1936, Patativa se casa com Belarmina Paes Cidrão, a dona Belinha, companheira amorosa, morta em 1994, tema que emociona muito o poeta, que só consegue dizer que foi a mulher de sua vida, o que deixa sua voz embargada e convida seu interlocutor a buscar um assunto menos amargo.

Deste casamento nasceram nove filhos, dos quais sete são vivos hoje: as três mulheres (Lúcia, Inês e Miriam) que mereceram um poema, os três agricultores (Afonso, Pedro e Geraldo) e João, que vive em São Paulo.

Deste período, as lembranças são a casa na serra, onde hoje mora dona Miriam, em cuja frente se ergue o flamboyant, citação em um poema, que canta sua floração.

Desta casa, o casal saiu para morar em Assaré, no final dos anos 70, instalando-se à rua Coronel Pedro Onofre, 27, ao lado da Matriz, já que dona Belinha, muito religiosa, queria a proximidade de uma igreja para fazer suas orações.

Em todo esse período, que vai de 1930 a 1955, o que se pode afirmar é que a poesia de Patativa foi difundida pela transmissão oral. É onde não se pode perder de vista a importância

das cantorias que fazia, dos parceiros que subiam a serra apenas para encontrá-lo e da semente da comunidade poética que de lá brotaria, algum tempo depois.

Patativa fala de alguns parceiros, como João Alexandre, ainda hoje vivo e morando em Juazeiro do Norte, seu rival em várias apresentações e do roteiro que cumpria, que abrangia um raio mais amplo, incluindo cidades da região centro – sul e outras da fronteira da Paraíba e Pernambuco.

Esse Patativa oral cristaliza a essência de sua poesia, que é para ser dita e ouvida, e que tem nessa dimensão, da voz e da performance, seu elemento definidor.

É quando se pode falar em seu processo criativo, solitário, muitas vezes ao capinar, quando imaginava uma cena e os versos se acumulavam, como se fossem camadas. Depois, era só copiar e o poema estava pronto. Desse exercício, deve ter vindo sua capacidade de memorizar, que é fabulosa, e que permite que, às vésperas dos noventa anos, ela seja capaz de dizer de cor, poemas longuíssimos, sem confundir um verso sequer.

Patativa diz que sua memória antiga está petrificada e nunca trabalhou, braçalmente, um verso, como os poetas de bancada, na busca de uma palavra exata, de uma rima rica ou de uma cadência melódica. A poesia dele brotava como da terra, como sua roça de feijão ou de milho. E, aos poucos, o distanciou da cantoria que, ele, de certo modo, abandonou depois de ganhar uma viola de Miguel Arraes, então prefeito de Recife, quando se apresentou em um São João Popular, no sítio Trindade, naqueles tempos efervescentes, antes do golpe militar de 64.

Mas, paradoxalmente, um instante decisivo de sua trajetória vai ser a passagem para o livro e a sua poesia ganhar a dimensão impressa. É o que irá assegurar a sua permanência e a importância que sempre lhe foi devida.

## PATATIVA POR ESCRITO

Entre o oral, em suas múltiplas instâncias de transmissão, de memorização e de repeti-

ção, de uma poesia que se completa na performance e se sustenta na voz, e a possibilidade do impresso, que se lhe abriu, em meados dos anos 50, houve, curiosamente, a mediação dos meios de comunicação, no caso o rádio.

Os Diários Associados chegaram ao Crato, em março de 1946, espalhando os tentáculos do maior império de comunicação que este país jamais tivera, com a inauguração da rádio Araripe.

Esta cidade, então o grande centro comercial do Cariri, reunia, às segundas-feiras, pessoas de todas as localidades de sua área de influência, atraídos pela festiva reunião para compra, venda e troca de tudo o que a região produzia.

A feira do Crato, ainda hoje, é uma babel de pregões, com suas rapaduras escuras, seus apetrechos de couro, seus móveis com desenho popular. Apesar dos plásticos e da parafernália importada do Paraguai, ela não perdeu sua cor local.

Para Patativa, a feira era a possibilidade de vender sua produção, de comprar o que sua família necessitava e, principalmente, uma forma de lazer, de reencontrar os amigos, de um papo embalado por uma caninha dos alambiques do vale.

Esses passeios sempre rendiam uma visita à rádio Araripe, onde declamava seus poemas. E é significativo que isso tenha se dado nos anos 50 e que colida com as teorias insustentáveis de um “popular genuíno”, quando havia a possibilidade da amplificação massiva de sua voz e de sua produção poética.

Em um instante em que vigoram as vertentes que envolvem o popular com o massivo, o caso Patativa é bastante elucidativo do poder da mídia e da não recusa do poeta, em sua integridade, e firme em sua decisão de não fazer comércio de sua lira, de participar desta programação.

Foi em uma dessas manhãs de feira, que o intelectual cratense José Arraes de Alencar, radicado no sudeste, ouviu um poema por meio das ondas do rádio. Gostou muito e quis saber de quem se tratava: “de um poeta de Assaré, chamado Patativa”, foi a resposta..

José Arraes fez questão de conhecê-lo e fez chegar à rádio o recado para que ele passasse por sua casa. A proposta veio, incontinenti: a publicação de um livro.

Patativa, desconfiado, agradeceu, mas disse que não tinha meios para bancar os custos. Arraes se comprometeu a negociar com a casa editora e tratou de montar o esquema para ter logo os originais preparados, convencendo Moacir Mota, funcionário do Banco do Brasil, filho do lendário Leonardo, a datilografar os poemas.

Negócio firmado, todos os dias de feira, Patativa se encontrava com Moacir, e o livro começava a ganhar forma. Com prefácio de Arraes e o selo de Borsoi Editores (Rio de Janeiro), *Inspiração Nordestina* foi lançado, em 1956.

A poesia de Patativa ganhava novas possibilidades de leitura, serviria de matriz para outras interferências e teria sua permanência assegurada, superada a fugacidade da voz, com o suporte da impressão. De Assaré para o mundo, era apenas uma questão de pouco tempo e de muito talento.

## DAS PARADAS DE SUCESSO À LUTA POLÍTICA

Outra vez, o rádio foi fundamental na trajetória de Patativa. Uma de suas composições, a “Triste Partida”, passou a ser incorporada ao repertório dos violeiros que ocupavam, cada vez mais, espaço na programação desse veículo.

Um dia, enquanto uma dupla cantava: “Setembro passou/ outubro e novembro/ já tamo em dezembro/ meu Deus que é de nós?”, quem sintonizava essa emissão e se emocionou com essa canção foi Luiz Gonzaga, outra figura mítica do Nordeste.

O “rei do baião” quis saber quem era o autor daquele canto dolente e, mais que isso, quis conhecê-lo. Soube que se tratava de Patativa do Assaré e marcaram um encontro no Crato, proximidades da violenta Exu, onde os Alencar e os Sampaio faziam a versão nordestina de uma *vendetta* italiana.

Encontro marcado, Luiz quis comprar a canção, como era freqüente na época. Patativa

recusou-se, peremptoriamente, até a dividir a parceria, mas concordou com a gravação, que veio em 1964. A “Triste Partida” incorporou-se ao repertório do velho Lua e Patativa passou a ter seu canto amplificado nacionalmente.

O golpe de Estado encontra um Patativa afiado em sua consciência social e crítico da ruptura institucional promovida pela aliança dos militares com as forças conservadoras.

O poeta passou a colaborar, com pseudônimo, com jornais da UNE, onde travou contato com o então líder estudantil José Serra, que ele lamenta que hoje tenha se afastado tanto dos princípios que então defendia.

Patativa foi ameaçado de prisão, com mandato, o que foi de certo modo relaxado por interferência pessoal de um parente que tinha laços com os prepostos da repressão e que teria rasgado o ofício em que o poeta era intimado a dar um depoimento.

Instalou-se o clima de caça às bruxas e Patativa, em um determinado momento, teve que recuar e modificar um poema em que fazia menção ao líder comunista Luís Carlos Prestes, modificando a estrofe, para não sofrer novas ameaças de retaliações.

Mas o poeta nunca foi de se dobrar e, no instante seguinte, já era entrevistado pelo *Movimento*, onde também publicou um poema, em que se posicionava contra a expulsão do padre italiano Vito Miracapillo.

Dois fatos, acontecidos em 1973, deixaram seqüelas: um atropelamento que comprometeu sua perna e lhe fez usar uma muleta até hoje e a apropriação de um de seus poemas, que lhe rendeu uma notoriedade que ele preferiria ter evitado. Seu “Vaqueiro” foi musicado por Raimundo Fagner e incluído como “Sina”, no disco “Manera Fru- Fru”, ainda que a autoria não lhe tenha sido atribuída. O *affaire* lhe rendeu, posteriormente, a amizade com o compositor de Orós, o que redundou na gravação de “Vaca Estrela e Boi Fubá” (1980), em apresentações em conjunto (Memorial da América Latina) e na homenagem, em forma de música, “Passarim de Assaré”, parceria com Fausto Nilo.

Enquanto participava da luta pela anistia aos presos e exilados políticos, com o contun-

dente poema em que “o pinto bica a casca para sair do ovo”, Patativa subia aos palanques, emocionava multidões e se preparava para ter seu *Cante lá que eu canto cá* publicado pela Vozes, em 1978, e seu primeiro disco (“Poemas e Canções”) lançado em 1979.

Aliás, foi o “Cante lá”, que lhe deu o reconhecimento dos meios intelectuais e possibilitou sua leitura, por maiores contingentes de público, mercê de uma distribuição nacional.

Ainda em 1979, ele foi homenageado pela programação cultural do encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), então o grande fórum contra o arbítrio e espaço da luta pela redemocratização do país. É neste contexto que ele participa do movimento “Massafeira”, no Theatro José de Alencar e prepara seu disco “A Terra é Naturá”, lançado em 1981.

O Brasil que emerge de uma longa noite de supressão da liberdade de expressão, com novos partidos políticos, movimentos sociais organizados e uma expectativa de novos tempos, vai encontrar Patativa do Assaré, aos setenta anos, reconhecido como um intelectual que Gramsci chamaria de “orgânico”, com uma sabedoria de vida e uma visão crítica do mundo, que o transformaram em um símbolo apropriado pelas esquerdas, que viam nele o poeta da resistência e, pela direita, que exaltava sua autenticidade, na valorização do tradicional, do genuíno e da raiz, base de uma legitimação cultural.

Modesto, o sucesso não lhe subiu à cabeça. Ele continuou o mesmo poeta roceiro, o que não impede de estar sintonizado com as transformações por que passa a sociedade, o que o leva a reclamar por uma reforma agrária, por um ideal de justiça social e pela denúncia das mazelas, sem que sua poesia se transforme em um manifesto ou perca sua qualidade estética.

## PÚBLICO E NOTÓRIO

Esse Patativa, reconhecido, vai ser personagem de um filme de Jefferson de Albuquerque Jr. e Rosemberg Cariry, rodado em 1984, em

cores, na bitola 16 mm, depois ampliada para 36 mm. Vencedor de alguns festivais (Brasília, Bahia), esse curta se inscreveu como um momento significativo do trabalho de sua figura com imagens em movimento. Antes, ele tinha sido o protagonista de um super-8, do mesmo Rosemberg, tecnologia que, defasada, faz com que sua exibição seja praticamente inacessível.

Neste mesmo ano, um grupo de concluintes do Curso de Comunicação Social da UFC, fez um vídeo-documentário em que sua produção poética e sua figura são exaltadas.

Exercitando, mais uma vez, sua cidadania e participando de um instante difícil da vida do Nordeste, assolado por enchentes, em 1985, Patativa fez a letra de “Seca d’Água”, cuja melodia foi criação de um grupo de artistas, tendo Fagner, Chico Buarque e Milton Nascimento à frente. Mesmo ano em que, por meio de um projeto cultural, o Banco do Estado do Ceará lança um disco com seus trabalhos, que ele rejeita, por conta de alguns poemas terem sido mutilados, em função do tempo.

Em 1988, sua bibliografia é acrescida de outro título: *Ispinho e Fulô*, editado pela Imprensa Oficial do Ceará (IOCE).

Neste meio tempo, Patativa coleciona homenagens: cidadão de Fortaleza; amigo da cultura; nome do Centro Acadêmico do Curso de Letras, da UFC e detentor da Medalha da Abolição. Série de homenagens que vão culminar, em 1989, com o título de Doutor *Honoris Causa*, da Universidade Regional do Cariri. É quando é lançado outro disco, o “Canto Nordestino”, produzido por Rosemberg Cariry.

No capítulo das homenagens, Patativa, curiosamente, deu seu nome à rodovia, com 18 km de extensão, que liga sua Assaré a Antonina do Norte. Depois, o poeta passou a ser nome de escola, rádio comunitária e adutora de abastecimento de água de sua cidade, que sempre foi uma reivindicação sua.

Organizador de *Balceiro*, juntamente com o poeta Geraldo Gonçalves, seu principal parceiro de disputas, reúne, nesta coletânea, parte da produção da comunidade poética da serra de Santana, que mostra um vigor surpreendente e possibilita uma leitura prazerosa.

Ainda no capítulo dos laudatórios, que estão longe de reconhecer o seu valor e apenas tiram partido de sua expressão pública, noites de viola, festas aniversárias, mais medalhas, estudos sobre a obra (Plácido Cidade Nuvens), dissertação de mestrado (Silvana Militão), relançamento de sua produção em cordel (1993) e sempre um pretexto para ter o poeta dizendo seus poemas, este sim, o grande momento da performance.

Ganhando expressão nacional, Patativa passou a receber convites e não dava conta de atender a todos. Disse poemas no "Som Brasil", da Rede Globo, em 1981, quando o programa era conduzido por Rolando Boldrin; fez ponta na novela "Renascer", também da Rede Globo, em 1993, contracenando com Jackson Antunes e deu entrevista ao "Jô Onze e Meia", do SBT, em 1994.

Neste mesmo ano, lança seu livro *Aqui tem coisa*, na I Feira Brasileira do Livro de Fortaleza e o vinil "85 anos de poesia", que, três anos depois, seria transformado em cd.

Em 1995, recebeu o prêmio do Ministério da Cultura, na categoria Cultura Popular, das mãos do presidente Fernando Henrique Cardoso, no Teatro José de Alencar, em Fortaleza.

Pode-se dizer que o reconhecimento chegou ao auge, quando é incluído em antologias e coletâneas escolares (ou não) e, paradoxalmente, para não ser unanimidade, rejeitado pela história oficial da literatura cearense.

Quando tanto se fala do poeta seria o caso de se perguntar quem é Patativa do Assaré, até que ponto o mito soterrou o homem e se Antonio Gonçalves da Silva passou a ser uma instituição.

## REFLEXÕES SOBRE PATATIVA

O homem mantém seus hábitos: dorme cedo, acorda ainda de madrugada, toma um parco café da manhã e, sempre limpo e bem vestido, se senta na cadeira de balanço e palhinha, presente do governador Tasso Jereissati, a quem se ligou desde as eleições de 1986, quando, espontaneamente, subiu aos pa-

lanques, pedindo votos para o candidato que prometia "mudanças".

Complicada a relação desse símbolo da resistência com o político/empresário, neoliberal *avant la lettre*, cumprindo seu terceiro mandato à frente do governo do Estado. Mas as razões que, inicialmente, eram políticas, assumiram um tom decididamente afetivo. Tasso Jereissati é hoje uma referência para Patativa, o que não o impediu de ter votado em Lula, o candidato do PT, em suas pretensões de chegar à Presidência da República, chegando inclusive a dar declarações públicas de voto.

Na cadeira de balanço, Patativa espera as visitas, que são muitas. Elas chegam, invadem a casa, fazem fotos, gravam vídeos e, ultimamente, vêm aos bandos, por conta de um pacote de uma agência que anuncia um turismo "ecológico e cultural".

Patativa almoça por volta do meio-dia, come pouco, sem preocupações com o colesterol ou com o açúcar. Às vezes, abusa do cigarro, cospe muito, tosse e, quando pára de fumar, fica um pouco irritadiço.

As filhas se revezam em seus cuidados, agora é a vez de dona Lúcia, mas o comando que prevalece em casa é o do "sinhôzinho", como lhe chamava dona Belinha.

Patativa descansa um pouco e volta à cadeira. Às segundas-feiras, a família desce a serra, vem fazer compras e lhe tomar a bênção. Uma vez por semana, ele faz o percurso às avessas, freta uma camionete, por vinte reais, leva alguma coisa para os filhos e vai brincar de poesia com o Geraldo Gonçalves. Em volta de uma mesa de cedro, eles se revezam nos motes e desenvolvem as estrofes, Geraldo por escrito, Patativa armazena as suas na memória e as recita com renovado prazer.

Na serra, ele se solta, fica brincalhão, passeia, faz visitas, relembra o passado, mas sem cair numa nostalgia mórbida. O poeta volta ao lugar de onde, se dependesse dele, nunca teria saído.

De chapéu de massa, calça de tecido sintético, camisa de mangas longas, Patativa, na serra ou em Assaré se locomove como se estivesse em casa, dispensa guias e chega a se irri-

tar se alguém faz menção de lhe dar a mão ou de lhe ajudar a atravessar uma rua ou uma vala. Ele conhece seus territórios como ninguém.

Racional, ele foge das superstições, ainda que lembre, com saudades, da caipora e de outros bichos mitológicos do mato. Antes de dormir, reza um pouco, mas não gosta de falar sobre isso, é um espaço muito pessoal, para ser objeto de uma entrevista.

Os diplomas, fotografias e recortes de jornais estão nas paredes de sua casa, em Assaré, os troféus sobre uma estante de aço, que guarda seus livros, a maioria presente dos autores, seus fãs.

Receptivo, ele tem para os visitantes um discurso pronto, que satisfaz aos menos exigentes, que entremeia declamação de poemas com narrativa de episódios de sua vida. Quem quer saber mais, precisa ter paciência, voltar outras vezes e tê-lo como um amigo e não como uma personagem.

É esta esfinge que precisa ser decifrada. Afinal de contas, quem é mesmo Patativa do Assaré?

## O HOMEM, O MITO

Poderíamos dizer que Patativa seria a síntese de todos os poetas, tidos como populares, do Ceará. E a expressão “popular” deve ser usada, com muita parcimônia, para satisfazer, talvez, à necessidade que algumas pessoas têm de rótulos.

A possibilidade da escrita (e do impresso) deu, à poesia de Patativa, a permanência que ela poderia ter perdido enquanto transmissão oral. Esse desafio é inevitável: saber o que vai ficar, o que servirá como matriz para outros textos, o que, por sua vez, já teria vindo de outras criações. Esse processo é que precisaria ser melhor compreendido.

É inegável que Patativa se inscreve na categoria do criador, o que o afasta de uma diluição ou uma mera apropriação do que outros fizeram, com novas roupagens. Influência, para ele, é uma atitude consciente. Quem assume que fez um poema, nos moldes camonianos, está longe de ser um ingênuo iletrado.

Patativa foi um leitor voraz dos poetas românticos brasileiros, o que o levou a eleger Castro Alves como o seu preferido, em função do compromisso social. E em relação à forma, ela foi burilada pelo contato com o manual de versificação de Olavo Bilac. Da mesma maneira que a poesia cabocla é tributária de Catulo da Paixão Cearense e de Zé da Luz.

Permanência é o que se antecipa para uma poesia que ganhou o estatuto do livro, que musicada foi gravada por um elenco de intérpretes, do forró tradicional ou eletrificado (Mastruz com Leite) à experimentação em forma de “rap” (Daúde), sem deixar de falar dos clássicos “Triste Partida” e “Vaca Estrela e Boi Fubá”, objeto das mais variadas interpretações.

Em Patativa, natureza e cultura se imbricam, e, ao contrário do que foi durante muito tempo, para as teorias antropológicas, não são conceitos antagônicos, mas constituem as duas faces de uma mesma moeda.

A poesia de Patativa brota com o vigor de um pé de milho que ele roçava, em sua serra de Santana. Nele, trabalho manual e intelectual não são conflitantes, antes, era no eito que ele formulava suas composições, como se fosse um desdobramento de uma mesma atividade. A sua compreensão de cultura se confunde com seu próprio cotidiano e de todos os seus companheiros agricultores. Arar, lavrar, semear e colher rimam com fazer poemas, outra forma de semeadura, com resultados imprevisíveis, em terrenos nem sempre propícios.

Ele se sente parte da natureza, como se brotasse do chão, com raízes sólidas, como as mostradas pelo desenho de Karimai ou pelo documentário “Passarim de Assaré”, de Oswald Barroso e Ronaldo Nunes. E essa natureza é cultura, porque é interferência no que está posto aí, pelo homem que capina e modela o verso, como se o papel e o barro fossem a mesma matéria.

Patativa é homem de luta, que nunca se dobrou a censuras, que nunca teve medo, o que fica evidenciado pelo episódio pitoresco, onde, depois de descer a serra várias vezes e, de nunca encontrar o prefeito de Assaré, fez um poema anedótico, em que falava em uma “prefeitura sem prefeito”. Levado à prisão, por desacato à autori-



dade, lá encontrou uma patativa de estimação do delegado e improvisou o poema, que ficou famoso, em que dizia se dirigindo ao pássaro: “Meu sofrer e meu penar/ clamam à divina lei/ tu presas para cantar/ e eu preso porque cantei”.

As utopias para ele, baseadas em um cristianismo solidário, passam pela questão da terra, que ele conhece como ninguém e avançam na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Patativa tem uma medida exata entre a razão e a emoção, evitando qualquer pieguice e se inscrevendo como um intérprete inspirado e contundente das nossas mazelas sociais. É esse poeta que, às vésperas dos noventa anos, nos deixa embasbacados com sua lucidez, com o vigor de sua memória e com a sensibilidade de inventar o mundo por meio das palavras.

Utópica seria sua visão da serra de Santana, como seu paraíso particular, da mesma maneira que seu ideal de justiça social traria a abundância, como no “topos” do mundo às avessas, não pelo exagero, mas pela medida exata do atendimento às necessidades de todos.

Utopia de uma igualdade que poderia se aproximar no milênio das profecias, ele que desdenha, da escatologia que prevê o fim do mundo com data marcada.

Luta de quem sabe da força das palavras como instrumento de denúncia e de quem combate sem perder o que poderíamos chamar de “cortesia sertaneja”, uma série de códigos que traduz uma visão de mundo e uma atitude de quem é capaz de se emocionar diante de sua própria produção, como se essa fosse uma condição para que o poema ganhasse vida própria e partisse para interferir no mundo.

Um Patativa que emociona com a voz roufenha, cujo corpo franzino cresce no instante da performance, quando ele todo comunica e

quando seu poema adquire toda sua grandeza e complexidade, por inteiro.

Um Patativa, cuja poesia se faz cidadã, atua na correção do social e que não se descola daquela ancestralidade, do vigor de quem, como Adão, nomeia as coisas que estão no mundo.

Um Patativa poeta e profeta, como diria um teórico francês (Paul Zumthor), poeta e pássaro, que alça vôo e emite seu canto para nossa alegria de fãs e para a continuidade de uma tradição que se ancora na solidez de seu canto imemorial, presente e futuro.

## BIBLIOGRAFIA

- CANCLINI, Nestor Garcia.(1988), *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- CARIRY, Rosemberg e BARROSO, Oswald (1982). *Cultura insubmissa*. Fortaleza: Secult.
- CARVALHO, Gilmar de.(1994), *Publicidade em cordel*. São Paulo: Maltese.
- CARVALHO, José.(1973), *O matuto cearense e o caboclo do Pará*. Fortaleza: Edições UFC.
- FIGUEIREDO FILHO, J. de.(1970), *Patativa do Assaré – movos poemas comentados*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- GRAMSCI, Antonio.(1982), *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- NUVENS, Plácido Cidade.(1995), *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Fortaleza: Unifor.
- PIRES FERREIRA, Jerusa.(1993), *Armadilhas da memória*. Salvador: Casa de Jorge Amado.
- ZUMTHOR, Paul. (1993), *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. (1998), *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec.